

nº17

almargem.org

maior prevalência silva

Morcegos

no Algarve

ALFARROBA ALOE-VERA ÉBOLA: MAIS UMA EPIDEMIA



SECÇÕES

Locais

Olhares

Sabia que...

6 - Alfarroba

6 Alfarroba, um dos frutos mais famosos no Algarve.

7 Ébola: mais uma epidemia. Com a globalização o risco de ocorrer pandemias aumenta.

10 Aloe-vera, é conhecida desde civilizações antigas pelos seus diversos benefícios.

12 Morcegos no Algarve, talvez um dos animais mais temidos pelas fantasias a eles associados. Muitas espécies de morcegos existentes no Algarve estão ameaçadas.



8 - Ébola



10 - Aloe-vera



14 - Morcegos

Para melhorarmos os nossos conteúdos precisamos de si! Se tiver algo digno de ser publicado, alguma fotografia ou alguma crítica não hesite em contactar-nos.

Para qualquer abordagem envie um e-mail para madressilva@almargem.org

Direcção: Manuel Vieira e Ana Sofia Costa. **Revisão:** João A. Santos.

Propriedade: Associação Almargem.

Morada: Rua S. Domingos, nº65, 8100-536 Loulé. **Tel.:** 289412959. **Fax:** 289414104.

E-mail: almargem@mail.telepac.pt. **Internet:** www.almargem.org.

CAPA fotografia de Morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*) por Manuel Vieira

Rota de Al-Mutamid

Com o nome do rei-poeta Al-Mutamid, que nasceu em Beja e reinou na Taifa de Sevilha entre 1069 e 1091, uma das mais recentes rotas no Algarve pretende relembrar a herança islâmica da península Ibérica.

Al-Mutamid viveu a sua adolescência em Silves onde, conta a lenda, encontrou o seu primeiro amor e aprendeu poesia. Sucedeu ao pai como rei da taifa de Sevilha, que incluía o sul de Portugal. Após varias batalhas contra os cristãos da península Ibérica e outros reinados muçulmanos, Al-Mutamid foi exilado, e acabou os dias em Aghmat, nos arredores de Marraquexe. Em 1967 a família real de Marrocos mandou construir no local onde al-Mu'tamid foi enterrado um mausoléu.

No Algarve, Aljezur, Sagres, Silves, Paderne, Loulé, Faro e Tavira estão incluídos na rota, devido ao seu relevante património islâmico que o seus território possuiu. Esta rota inclui paisagens muito diferentes, tornando-a muito interessante quer no que toca ao património cultural quer no património natural.

A Rota foi sinalizada através de postes colocados nas localidades que indicam a direcção a seguir, placas identificativas e símbolos com informação relevante sobre a Rota e o município que alberga o sinal. Para mais informação e descarregar informação sobre a rota e cada um dos locais visite o site do projecto em rutadealmutamid.com



Castelo, Loulé



Castelo e Igreja de Santa Maria do Castelo, Tavira



Praia da Arrifana, Aljezur





Tens fotografias do Algarve que gostarias de partilhar?

Envia uma foto para o mail madressilva@almargem.org
acompanhado do nome e local.

MR

Mocho-galego
em Sagres, Vila do Bispo.



Candeias *Arisarum simorrhinum*

Esta é uma das primeiras flores que surge no Inverno. Cada uma destas plantas possui apenas uma folha e no Algarve surgem em grande número.

As candeias são consideradas armadilhas imperfeitas, pois possuem umas paredes escorregadias onde os insectos caem e posteriormente conseguem sair facilmente. Desta maneira são obrigados a polinizar a flor.

Sabia que...



FOTOGRAFIAS Manuel Vieira



Os olhos com pupila horizontal e íris avermelhada são características que os distinguem facilmente dos outros sapos existentes em Portugal.

Sapo-comum *Bufo bufo*

Sem dúvida feio, grande e gordo. Longe da beleza da relva que foi escolhida para representar o sapo da internet. É o maior anuro (grupo que inclui sapos, rãs ou relas) que existe em Portugal.

Estes animais possuem uma grande capacidade de orientação que se pensa estar relacionada com o olfacto e o campo magnético. Deste modo conseguem encontrar um charco a mais de 3 km. Vagueiam principalmente nas noites amenas e húmidas, aparecendo recorrentemente no meio da estrada onde são muitas vezes atropelados.

O sapo-comum é considerado uma mais valia, pois é predador de insectos, lesmas e minhocas.



Pode sobreviver longe de locais com água parada, sendo esta crucial para a reprodução.

FOTOGRAFIAS Manuel Vieira

Alfarroba

texto de Joana Pereira



Sementes

No interior da vagem encontram-se 10 a 16 sementes de onde se extrai a goma que se utiliza nas indústrias alimentar, farmacêutica, têxtil e cosmética, como espessante, estabilizante, e emulsionante.

Alfarroba

A alfarrobeira é originária da costa mediterrânea. O seu fruto tem o formato de vagem e no seu estado de maturação é de cor castanha, sendo o seu sabor semelhante ao do chocolate, mas adocicado.

A alfarroba é um fruto em expansão, com características particulares a nível nutricional: baixo teor em lípidos, rico em fibras e sem alérgenos conhecidos, podendo ser consumido por toda a população.

Farinha de Alfarroba

Do fruto, a polpa é torrada e triturada. Desta obtém-se a farinha de alfarroba para as suas aplicações mais directas como é o caso da culinária.

A farinha está a ser utilizada em conjunto com outros produtos em diversos doces, nomeadamente na nossa região algarvia para doçaria regional, que vai sendo cada vez mais apreciada pela população local, mas também pelos turistas que visitam o nosso país.



Doces

Uma das doçarias apreciadas é o queijinho de alfarroba elaborado com a farinha de alfarroba e também com outro fruto seco da região, a amêndoa.



FOTOGRAFIAS Manuel Vieira

Ébola mais uma epidemia

Texto de Tânia Fernandes

As epidemias são acontecimentos globais comuns do século XXI e representam uma permanente ameaça para a segurança da saúde global. Desde o ano 2000, quase todos os países já foram vítimas de um surto epidémico. Algumas epidemias como o H1N1 em 2009, a Gripe das Aves e a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) são exemplos de epidemias que tiveram um impacto à escala mundial, chegando mesmo a ser classificadas como pandemias. Ainda assim, com muito mais frequência existem epidemias que tendem a atacar uma menor área geográfica. Doenças como o Marburg, Ébola, Cólera, Peste e Febre Amarela são exemplos de doenças devastadoras que fizeram bastantes estragos à escala regional e local, com a perda de um número considerável de vidas e meios de subsistência.

As epidemias são de certo modo sentidas como se de catástrofes naturais se tratassem, pois a sua ocorrência provoca a desorganização dos serviços de saúde, principalmente em locais subdesenvolvidos, o que contribui de forma negativa para a viabilidade e futuro dos serviços de saúde.

Nos dias de hoje vivemos na Era da Tecnologia e os avanços quer tecnológicos como de infra-estruturas de promoção, prevenção e diagnóstico tornaram fácil a tarefa de detecção de epidemias numa fase precoce, comparativamente ao que outrora acontecia. A detecção precoce permite uma resposta mais rápida, de forma a agir antes que a doença se espalhe. No entanto, esta é apenas uma medida de gestão da doença reactiva, dado que é composta por um con-

(continua na pág. seguinte)

Ébola

O vírus Ébola, como é popularmente conhecido pertence ao género Filovírus, família Filoviridae (WHO, 2014). O nome filovírus significa em latim filiforme, o que quer dizer que são compridos e finos, sendo estas características facilmente observáveis ao microscópio (WHO, 2014). Este género de vírus causa febre e hemorragias, daí o facto de ser considerado agente de febres hemorrágicas.

A morfologia do vírus Ébola varia consoante a partícula viral de que se trata, ou seja, é pleomórfica (Ferreira & Sousa, 2002), o que significa que pode surgir com diferentes formas. Normalmente tem a forma de “U” ou baciliforme, mas também pode apresentar-se de forma circular. As partículas virais podem ter mais do que 14.000nm de comprimento e 80nm de diâmetro.

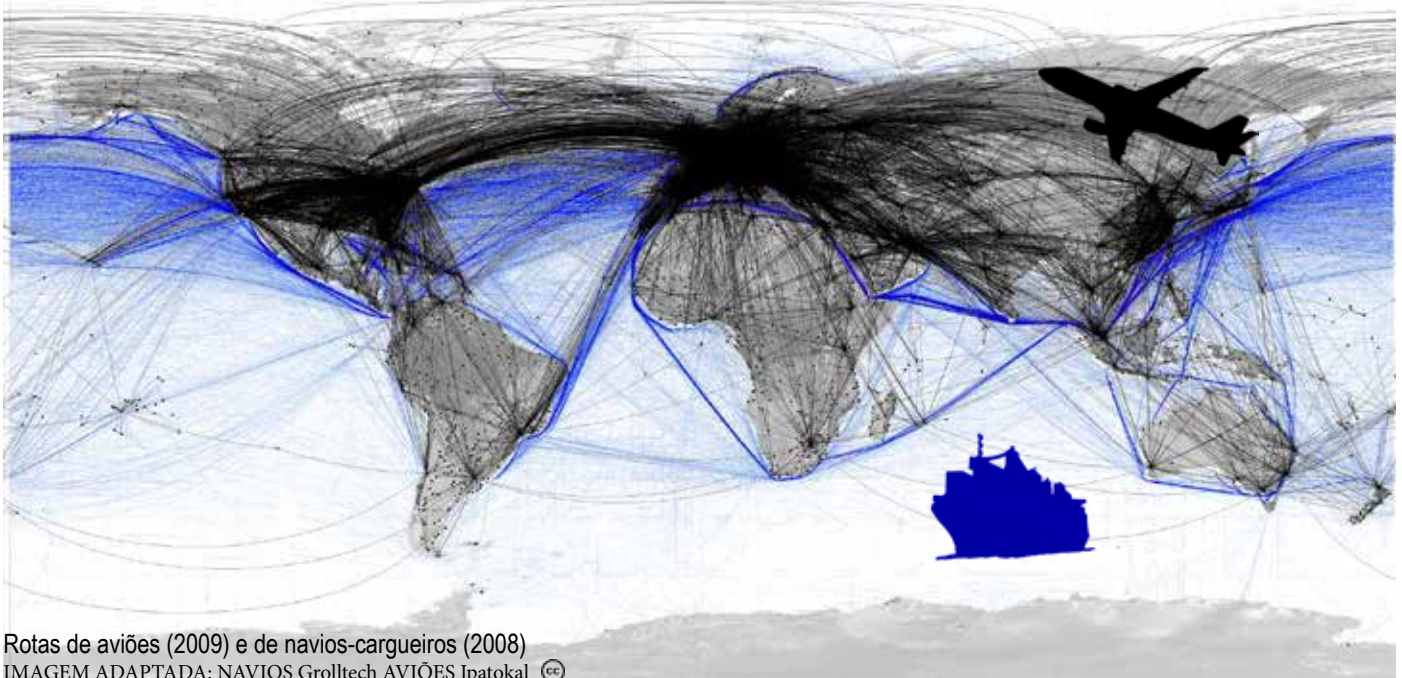
Este vírus penetra nas células através da ligação de uma glicoproteína, que existe na superfície deste, a receptores na membrana da célula. Uma vez efectuada a ligação, o vírus penetra com facilidade na célula e passa a controlar o processo de tradução, assim consegue obter as estruturas necessárias à sua proliferação (Wagner *et al.*, 2003).



Ilustração da partícula viral do vírus Ébola

Globalização

O estudo de epidemias anteriores (em particular, a da SARS e Gripe A-H1N1) mostrou que as suas consequências económicas foram superiores ao que se previa, e que 80% do impacto estimado esteve relacionado com as consequências de restringir o movimentos de pessoas, bens e serviços por medo do contágio (Lee and McKibbin 2004).



Rotas de aviões (2009) e de navios-cargueiros (2008)

IMAGEM ADAPTADA: NAVIOS Grolltech AVIÕES Jpatokal ©

(continuação)

junto de medidas que apenas podem ser postas em prática quando o surto já está em andamento.

Ser capaz de antecipar a eclosão da epidemia com precisão marcaria uma grande melhoria na epidemia e pandemia de gestão, deslocando a abordagem de reacção à antecipação e permitindo uma ordenada e eficaz preparação, tanto em termos da disponibilidade de materiais como de recursos humanos e organizacionais. Infelizmente, a previsão de surtos de doenças ainda se encontra numa fase embrionária, ao contrário da previsão do tempo, em que o progresso nos últimos anos tem sido substancial. Vai levar algum tempo até que cheguemos ao ponto em que a previsão de epidemias é suficientemente precisa.

Por enquanto, a exposição às doenças contagiosas pode ser controlada através da implementação de medidas continuadas de protecção em clínicas e hospitais, locais públicos ou em casa. Medidas de prevenção da transmissão incluem:

- a quarentena dos locais infectados,
- o abate dos animais infectados e proibição de consumo de carne dos mesmos,
- redução do contato direto com pessoas infectadas
- assim como o enterro rápido e seguro das pessoas que morrem pela doença
- e uso de proteção, como luvas e equipamento protetor adequado, lavagem regular de mãos e pés após visitas em hospitais.

De modo geral, durante um surto, os indivíduos que apresentam maior risco de infeção são:

- Os profissionais de saúde;
- Os familiares ou outros em contacto estreito com pessoas infectadas; e
- As pessoas que, ao participarem em cerimónias fúnebres ou tiveram contacto directo com os corpos que faleceram.

Sinais e Sintomas

O aparecimento súbito de febre, fraqueza extrema, dores musculares, cefaleias e dor de garganta são exemplos de sinais e sintomas típicos do vírus. Assim como, vómitos, diarreia, exantema cutâneo, falência renal e hepática e, em alguns casos, hemorragias internas e externas.

As infecções provocadas pelo vírus Ébola só podem ser confirmadas através de análises laboratoriais. Os resultados típicos de um indivíduo portador do vírus incluem contagens baixas de glóbulos brancos e plaquetas e contagens elevadas de enzimas hepáticas.

Outro aspecto importante a ter em conta está relacionado com o período de incubação, ou intervalo de tempo entre a infeção e o aparecimento de sintomas, que é de 2 a 21 dias. A pessoa torna-se contagiosa quando começa a apresentar sintomas, sendo que não é contagiosa durante o período de incubação.

Suspeita de Doença e Tratamento

Caso tenha estado numa zona em que exista o vírus ou em contacto com alguém que manifeste sintomas do mesmo, deve contactar imediatamente ajuda médica. Quaisquer casos de suspeita da doença devem ter uma pronta assistência médica de modo a aumentar a probabilidade de sobrevivência. No entanto, também se torna importante controlar a disseminação da doença, através do início imediato de procedimentos de controlo de infeção (Portugal, 2014b).

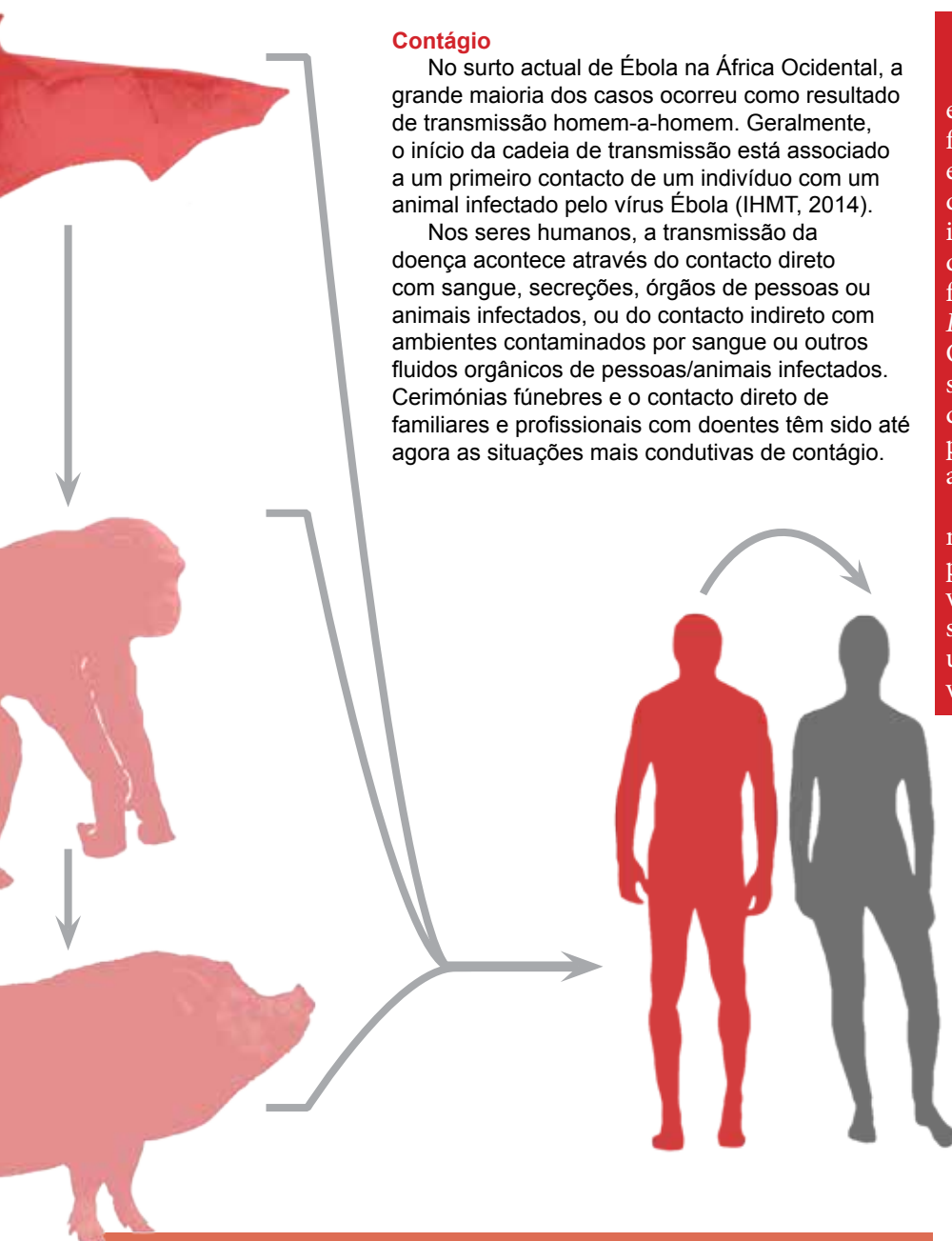
Apesar de não existir nenhum tratamento de cura da doença, nem nenhuma vacina, muitas das pessoas a quem são prestados cuidados médicos adequados acabam por recuperar (IHMT, 2014).

Pensa-se que morcegos frutíferos da família Pteropodidae são os hospedeiros naturais do vírus Ébola.

Outros animais como chimpanzé, gorilas, macacos, antílopes ou animais domésticos podem ser infectados por contacto com fluidos de animais infectados.

Reacção de Portugal à Ébola

Em Portugal já foram também tomadas medidas, as quais incluem a criação do Plano de Formação e Treino para a prevenção e actuação no vírus Ébola. Esta enquadra-se na “Plataforma de resposta à doença por vírus Ébola” definida no Despacho nº9/2014, mais especificamente no eixo para a prevenção e controlo, constituindo-se como elemento fundamental na uniformização das estruturas, procedimentos e práticas clínicas na resposta à doença por vírus Ébola. Este poderá vir a ser adaptado em função da evolução da doença e do seu impacto na saúde e na sociedade.



Contágio

No surto actual de Ébola na África Ocidental, a grande maioria dos casos ocorreu como resultado de transmissão homem-a-homem. Geralmente, o início da cadeia de transmissão está associado a um primeiro contacto de um indivíduo com um animal infectado pelo vírus Ébola (IHMT, 2014).

Nos seres humanos, a transmissão da doença acontece através do contacto direto com sangue, secreções, órgãos de pessoas ou animais infectados, ou do contacto indireto com ambientes contaminados por sangue ou outros fluidos orgânicos de pessoas/animais infectados. Cerimónias fúnebres e o contacto direto de familiares e profissionais com doentes têm sido até agora as situações mais condutivas de contágio.

Morcegos

Não se conhece nenhum morcego europeu infectado com Ébola. Todos os filovírus patogénicos para humanos são endémicos de África, e apenas 3 espécies de morcegos não-europeias foram implicadas como possíveis reservatórios de Ébola, nomeadamente os morcegos frutíferos: *Hypsignathus monstrosus*, *Epomops franqueti* e *Myonycteris torquata*. Contudo, ainda existem várias dúvidas sobre o reservatório natural de Ébola, pelo que existem estudos que sugerem outros potenciais reservatórios (como roedores, artrópodes ou plantas).

Actualmente o sistema imunitário dos morcegos está a ser alvo de vários estudos para perceber como os filovírus e outros vírus infectam os indivíduos sem causar sintomas. Tal descoberta poderá levar a um combate mais eficiente relativamente a várias doenças epidémicas.

O vírus é inicialmente transmitido aos humanos por um contacto com animais selvagens. Mas posteriormente propaga-se na população por transmissão humano-a-humano.

Prevenção

As seguintes precauções podem ajudar a prevenir a infecção e disseminação do vírus Ébola:

- Evitar áreas de surtos da doença

Antes de viajar para zonas infectadas é conveniente consultar o médico de família sobre os possíveis riscos e informar-se sobre as epidemias actuais

- Lavar as mãos com frequência

Tal como acontece com outras doenças infecciosas, uma das medidas preventivas mais importantes é lavar as mãos frequentemente. Use água e sabão ou use álcool gel 60% quando sabão e água não estão disponíveis. Essas medidas devem ser tomadas principalmente por pessoas em áreas de risco

- Evitar contacto com pessoas afectadas

Os cuidadores informais e profissionais de saúde devem evitar o contacto com fluídos e tecidos corporais de pessoas infectadas, incluindo sangue, sémen, secreções vaginais e saliva. Para interagir com estes doentes, o ideal é usar luvas, máscaras, aventais e protectores oculares. Além disso, as pessoas infectadas devem ser isoladas das outras. Agulhas utilizadas devem ser descartadas e todo o material esterilizado.

- Não manusear corpos de pessoas infectadas

Os corpos das pessoas que morreram de Ébola ainda são contagiosos. Os corpos devem ser enterrados por equipas especializadas, usando equipamento de segurança apropriado

Bibliografia

- 1.CDC (2014). "Ebola Response."Centers for Disease Control and Prevention". [Internet] Disponível em <<http://www.cdc.gov/>>. [Consult. 29 dezembro 2014].
- 2.Portugal (2014). Boletim "Doença por Vírus Ébola". Direcção Geral de Saúde. Nº5, p. 1-9.
- 3.Portugal (2014b). Orientação: Doença por vírus ébola. Procedimentos Gerais. Direcção Geral de Saúde. No. 012/2014. p. 1-13.
- 4.Portugal (2014c). Plano de Formação e Treino para a Prevenção e Actuação no Vírus Ébola. Direcção Geral de Saúde. p. 1- 7.
- 5.Ferreira, W. & Sousa, J. (2002). Microbiologia 3. Lidel. Vol. 3, p.466.
- 6.Lee, J., & McKibbin W. (2004). "Estimating the Global Economic Costs of Sars". [Internet] Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK92473/>>. [Consult. 29 dezembro 2014].
- 7.Negredo A, Palacios G, Vázquez-Morón S, et al. (2011). Discovery of an Ebolavirus-Like Filovirus in Europe. Basler CF, ed. PLoS Pathogens 2011;7(10).
- 8.IHMT (2014). Respostas para minimizar o impacto económico do Ébola. Universidade Nova de Lisboa. No. 1, p.1-2.
- 9.Wagner, E. & Hewlett M.(2003). Basic Virology. Blackwell Science Inc., 2ª Ed. Massachusetts: USA.
- 10.WHO (2014).Ebola virus disease - Fact sheet Nº 103. [Internet] Disponível em <<http://www.who.int.>> [Consult. 29 dezembro 2014].

Aloé-vera

Texto de Vera Marques



Flores amarelas

Folhas espinhosas dispostas em roseta

Aloé-vera

A Aloé-vera é uma planta suculenta adaptada a ambientes com pouca água. Esta planta produz uma florescência no fim de uma haste que cresce desde o centro da planta. As flores, geralmente amarelas, distribuem-se em cacho.

Cada folha pode alcançar mais de 50 cm e pesar mais de 1 kg.

Fotografias de Manuel Vieira

A contribuição que as plantas têm no nosso cotidiano é bastante variada. A nível industrial, as substâncias delas extraídas, podem ser utilizadas na alimentação, vestuário, estética e também a nível medicinal ou fitoterapêutico. A Aloé-vera, ou Babosa, é conhecida desde as civilizações antigas pelos seus diversos benefícios na cura de infecções na pele, queda de cabelo, repelente de insectos, entre outros.

Esta planta é nativa do norte de África e acredita-se que tenha sido utilizada terapêuticamente por outras regiões do globo, como a Índia, a China e a Grécia. Apenas em 1920 foi cultivada para distribuição farmacêutica.

Do género *Aloe* conhecem-se mais de 400 espécies, das quais se destacam a *Aloe ferox* e a *Aloe vera*. Algumas espécies deste género são venenosas, e por isso é importante que a sua identificação seja realizada correctamente antes de qualquer tratamento.

Em 1851 descobriu-se que a aptidão deste género era o resultado de um sumo amargo (aloína), que depois de seco se podia transformar num pó amarelo e funcionar como purificante medicinal. Mais tarde, Gjerstad descobriu que as folhas de Aloé-vera são compostas maioritariamente por água (99.5%) e que os restantes 0.5% representam sólidos como a glucose e manose, que juntamente com enzimas e aminoácidos dão a este gel a propriedade de produto dermatológico. Esta enorme acumulação de água

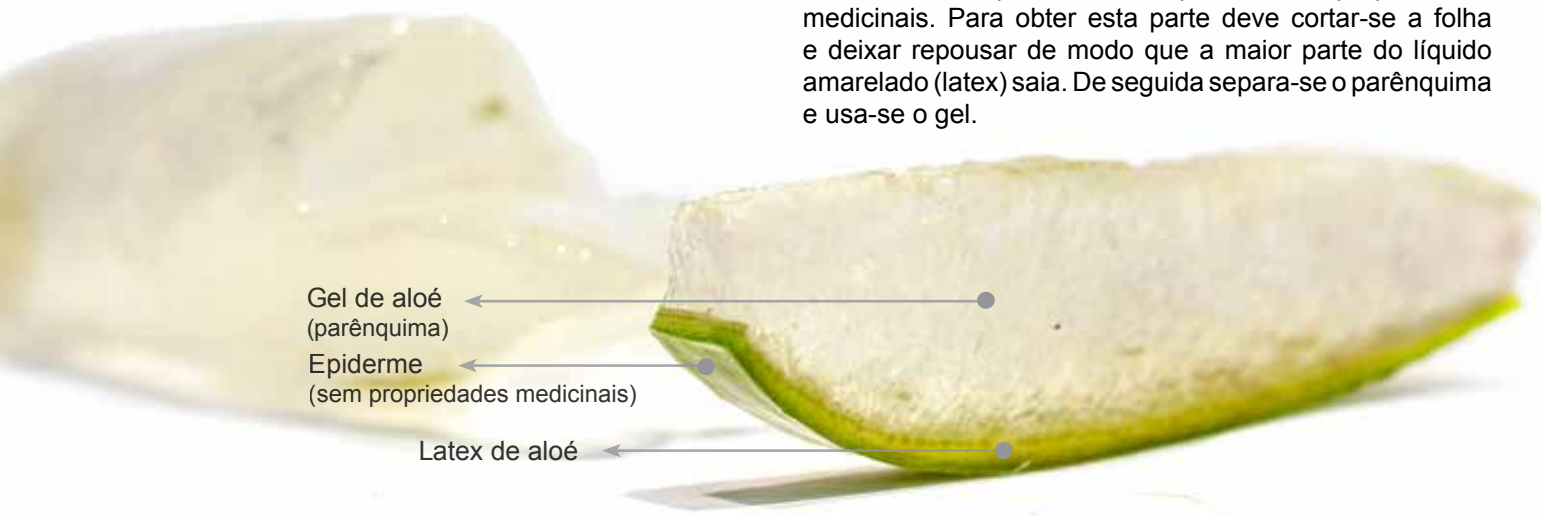
pode ser uma consequência do seu metabolismo semelhante aos cactos que minimiza a perda de água em plantas de climas secos. Vários compostos orgânicos foram encontrados por outros autores.

Das suas folhas, podem ser extraídos dois produtos: gel de aloé e latex de aloé. O primeiro é retirado do parênquima e é rico em antracénicos (aloína, barbaloína e emodina), vitaminas (complexo B e vitaminas C e E) e minerais, com propriedades hidratante, anti-inflamatória, antiviral, antibacteriana, antifúngica e protectora da radiação UV. Podem também estimular os fibroblastos a produzir colagénio e elastina, o que ajuda na cicatrização. O látex amargo, por sua vez, provém de uma camada entre a epiderme e o parênquima e é usado para problemas intestinais, actuando como laxante.

Embora estejam descritas muito mais aplicações desta planta, em 1991 ainda não havia consenso sobre as suas propriedades medicinais, pois estudos microbiais in vitro não mostravam uma boa correlação com os resultados obtidos in vivo. Estudos mais recentes já demonstraram, sem dúvida, que a Aloé-vera tem, entre outros, benefícios anti-diabéticos, anti-inflamatórios, anti-oxidantes, cicatrizantes e anti-cancerígenos. Futuramente espera-se que os desenvolvimentos tecnológicos nesta área disponibilizem mais informação.

Corte da folha de Aloé-vera

A zona transparente ou branca é o parênquima, onde existe a maior parte dos compostos com propriedades medicinais. Para obter esta parte deve cortar-se a folha e deixar repousar de modo que a maior parte do líquido amarelado (latex) saia. De seguida separa-se o parênquima e usa-se o gel.



Gel de aloé
(parênquima)

Epiderme
(sem propriedades medicinais)

Latex de aloé

Bibliografia

- Morton, J.F. (1961) Folk uses and commercial exploitation of aloe leaf pulp. *Econ Bot.* 115: 311-319
- Gjerstad, G. (1971) Chemical studies of aloe vera juice: I, Amino acid analysis. *Adv Front PI Sci.* 28: 311-315
- Ronald, M. Shelton, MAJ, USAF, MC. (1991) Aloe Vera: Its Chemical and Therapeutic Properties. *International Journal of Dermatology.* Vol 30, No. 10.
- The Genus Aloe. *Botanic Notes* (2009). University of California Davis botanical conservatory .volume 1, issue 1.0
- Draeos, Z. (2001) Botanicals as topical agents. *Clinics in Dermatology*, 19, pp. 474-477
- Choi, S. e Chung, M. (2003) A review on the relationship between Aloe vera componentes

and their biologic effects. *Seminars in Integrative Medicine*, 1, pp. 53-62

Thornfeldt, C. (2005) Cosmeceuticals containing herbs: fact, fiction, and future. *Dermatologic Surgery: Official Publication For American Society For Dermatologic Surgery*, 31, pp. 873-880

Aburjai, T. e Natshah, H. (2003) Plants used in cosmetics. *Phytotherapy Research*, 17, pp. 987-1000

Teske, M., Trentini, A. (2001) *Herbarium: Compêndio de Fitoterapia*. 4ª ed Curitiba, Herbarium Laboratório Botânico.

Habeeb, F.; Shakir, E.; Bradbury, F.; Cameron, P.; Taravati, M.R.; Drummond, A.J.; Gray, A.I.; Ferro, V.A. Screening methods used to determine the anti-microbial properties of Aloe vera inner gel. *Methods*. 2007, 42, 315-320

Morcegos

no Algarve
Texto e Imagens de
Manuel Vieira



Os morcegos são talvez dos animais mais temidos pelos humanos graças à fantasia que a eles associamos. Desde os vampiros sanguinários ao cavaleiro das trevas, os morcegos são tidos como grandes animais voadores, perigosos e donos da noite. Contudo, no Algarve a maior espécie conhecida possui apenas dez centímetros de comprimento. Os morcegos algarvios são de tal modo pequenos, que por vezes as pessoas tendem a confundir adultos com pequenas crias. Quanto à perigosidade, os morcegos não são perigosos e ainda nos ajudam a diminuir o número de picadas de mosquito.

Os nossos morcegos são noctívagos ou crepusculares. Todos saem para caçar insectos, não existindo nenhum morcego estritamente carnívoro, frugívoro ou que consuma sangue. O resto do tempo é passado nos seus abrigos, os quais podem ser grutas, edifícios antigos, locais com pequenas fissuras ou cavidades de árvores. O conhecimento acerca dos morcegos que existem no nosso país é ainda bastante insuficiente, à excepção do que se direcciona para as espécies que preferem abrigar-se em grandes cavidades (p.e. grutas) mais fáceis de localizar e estudar.

O estado das populações de morcegos no Algarve tem vindo a piorar ao longo dos anos, graças à perseguição e à perda de locais de alimentação e de abri-

Morcego-de-ferradura

No Algarve existem 3 espécies de morcego-de-ferradura. Pertencem à família Rhinolophidae caracterizada pelas expansões membranosas que possuem em volta das narinas em forma de ferradura. Os morcegos desta família são considerados um dos animais com bio-sonar mais sofisticado. Produzem sons longos com frequência constante iniciados e concluídos por uma alteração rápida na frequência, o que melhora a capacidade de localizar e identificar as presas. Estes são os únicos morcegos portugueses que envolvem o corpo com as asas quando descansam pendurados de cabeça para baixo.



Morcego-rato (*Myotis sp.*)

Com focinho comprido e fino, e orelhas bem desenvolvidas são morcegos que não se penduram no tecto envolvendo o corpo com as asas.

Grutas

Cerca de metade das espécies utilizam as grutas como abrigo. Estas grutas surgem no maciço calcário que constitui o Barrocal algarvio. Formaram-se através da dissolução da rocha pela água da chuva. Nestas grutas ocorre a formação de vários espeleotemas como as estalactites, estalagmites ou colunas.

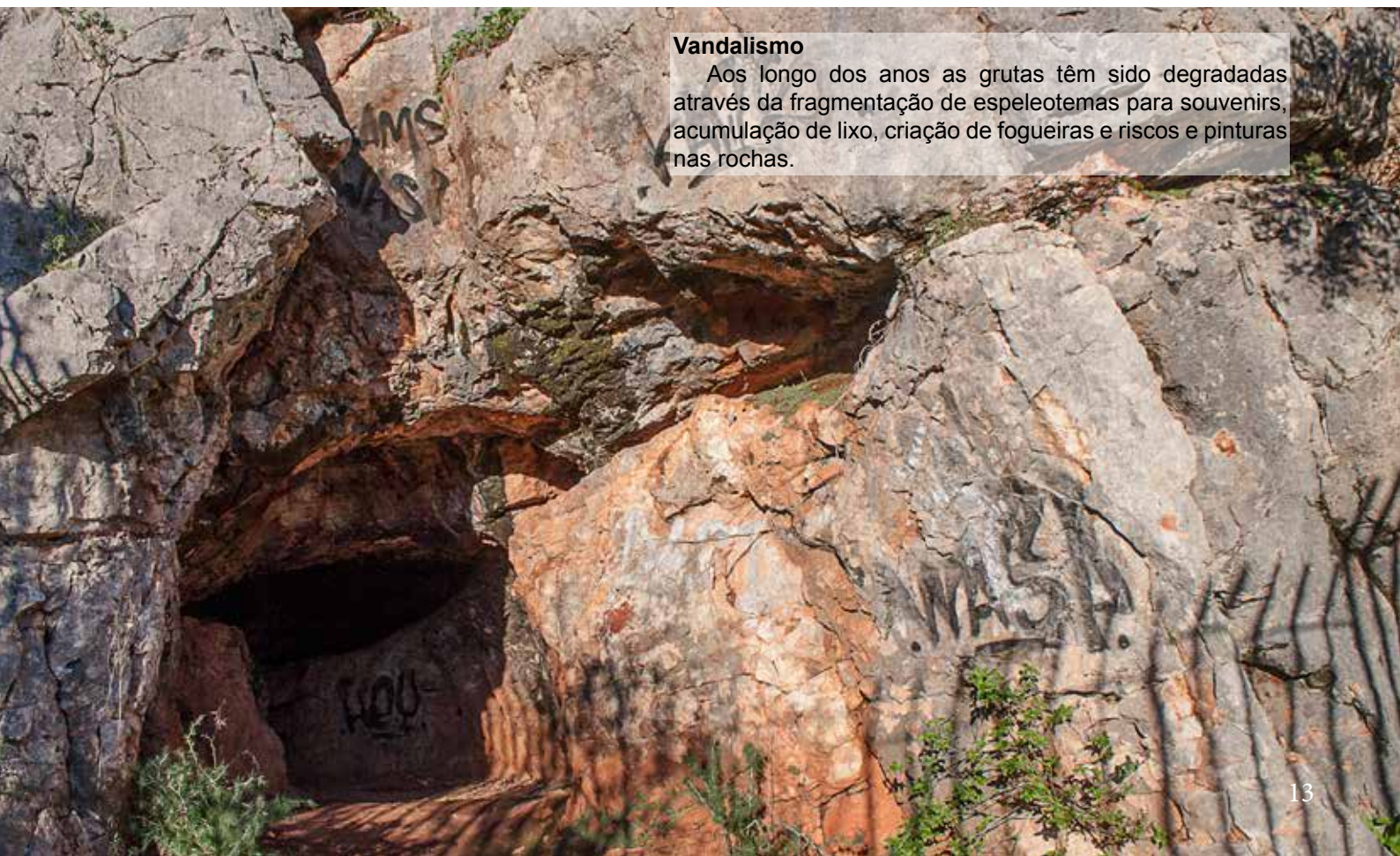
go. Os morcegos precisam de locais de alimentação com muitos insectos, podendo ingerir por dia metade do seu peso em insectos. Não se conhece ainda a importância relativa de cada tipo de biótipo para a alimentação dos morcegos. No entanto, é comum observar grande diversidade de morcegos a alimentarem-se em linhas de água, charcos temporários, florestas de folhosas ou pinhais, pelo que a destruição desses biótipos deixa as populações de morcegos vulneráveis.

Uma das acções mais recentes para proteger os morcegos é o gradeamento das entradas das grutas (limita a entrada de pessoas, mas não perturba os morcegos). Isto é consequência da contínua perturbação e vandalismo destes locais. É possível observar, por exemplo, nas entradas destas grutas, pedaços de estalactites e estalagmites partidas por pessoas iludidas pela beleza das rochas dada pela luminosidade no interior das grutas. Apesar da maioria das grutas estarem longe dos centros urbanos, além do que foi mencionado anteriormente, observam-se também riscos e pinturas nas mesmas.

Bibliografia

Cabral, Maria João, et al. Livro vermelho dos vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza, 2005.

Biodiversidade aos seus pés[Internet]. Almagem. Disponível em: <http://almagem.org/biodiv/>



Vandalismo





Aos longo dos anos as grutas têm sido degradadas através da fragmentação de espeleotemas para souvenirs, acumulação de lixo, criação de fogueiras e riscos e pinturas nas rochas.

Morcegos no Algarve

No algarve pode observar-se pelo menos 16 espécies de morcegos, a maioria pertencente à família Vespertilionidae.

Todos os morcegos são residentes, apesar de alguns poderem realizar migrações em busca de alimento, parceiro ou na formação de grupos durante a época de criação.

Famílias de Morcegos:

-  Vespertilionidae
-  Rhinolophidae
-  Molossidae
-  Miniopteridae



ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Nome científico

Nome-comum

Comprimento do corpo

Caça insectos à superfície da água

POUCO PREOCUPANTE
Myotis daubentonii
Morcego-de-água
44-55 mm

VULNERÁVEL
Myotis escaleraii
Morcego-de-franja
45-52 mm

Apenas se conhecem colónias de Morcego-rato-pequeno no Algarve e em Trás-os-Montes

CRITICAMENTE EM PERIGO
Myotis blythii
Morcego-rato-pequeno
58-70 mm

VULNERÁVEL
Myotis myotis
Morcego-rato-grande
65-80 mm

Caracteriza-se pelas orelhas grandes. É pouco selectivo na escolha de abrigo.

POUCO PREOCUPANTE
Plecotus austriacus
Morcego-orelhudo-cinzento
41-58 mm

A presença de uma terceira espécie, o Morcego-arborícola-grande é indeterminada

Maior morcego na Europa, ocasionalmente caça passeriformes.

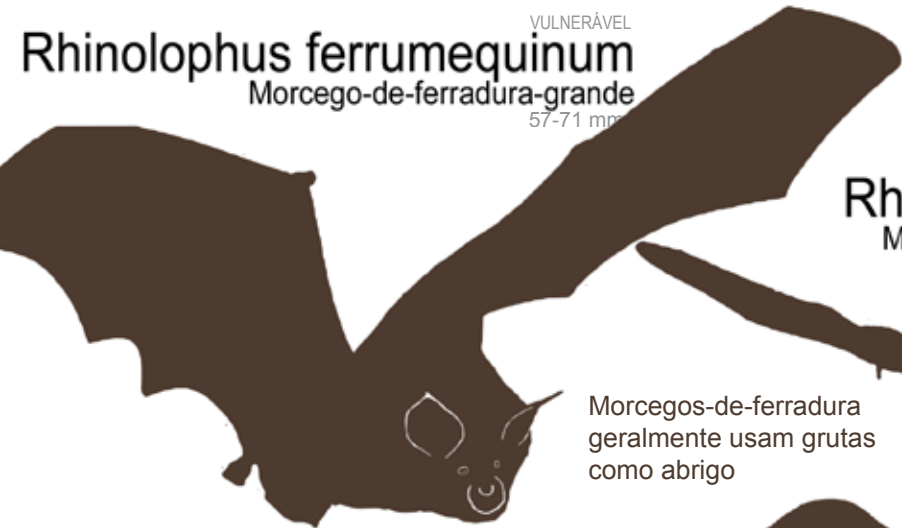
INFORMAÇÃO INSUFICIENTE
Nyctalus lasiopterus
Morcego-arborícola-gigante
84-104 mm

INFORMAÇÃO INSUFICIENTE
Nyctalus leisleri
Morcego-arborícola-pequeno
48-68 mm

Rhinolophus ferrumequinum
Morcego-de-ferradura-grande

VULNERÁVEL

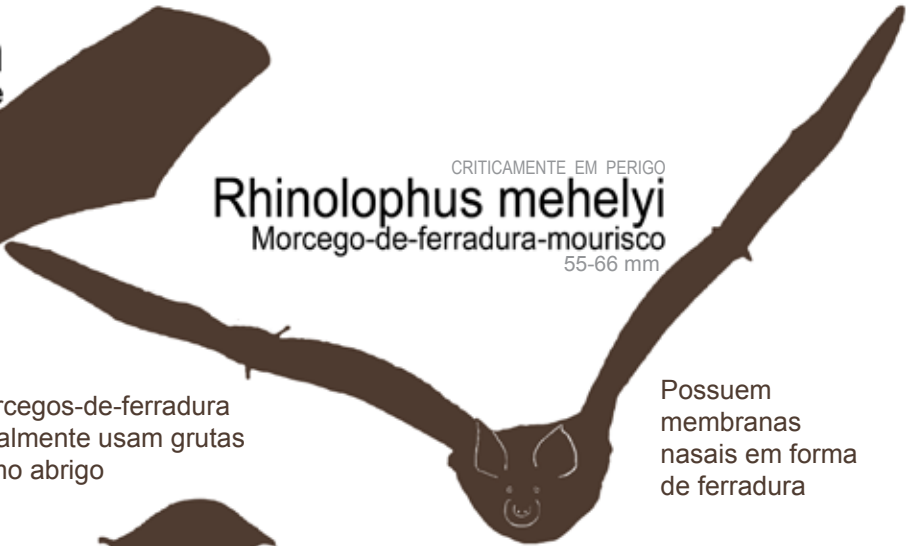
57-71 mm



Rhinolophus mehelyi
Morcego-de-ferradura-mourisco

CRITICAMENTE EM PERIGO

55-66 mm



Morcegos-de-ferradura geralmente usam grutas como abrigo

Possuem membranas nasais em forma de ferradura

Repousam nos tectos com as asas a envolver o corpo

Rhinolophus hipposideros
Morcego-de-ferradura-pequeno

VULNERÁVEL

35-45 mm



Exclusivamente cavernícola e muito social

Miniopterus schreibersii
Morcego-de-pelucho

VULNERÁVEL

52-58 mm

Possui cauda sem membrana. Abriga-se em fendas das rochas ou muros de habitações

Tadarida teniotis
Morcego-rabudo

INFORMAÇÃO INSUFICIENTE

80-92 mm



Comum em áreas urbanas ou rurais

Pipistrellus pipistrellus
Morcego-anão

POUCO PREOCUPANTE

35-45 mm

A biblioteca Joaninha, em Coimbra, e a biblioteca do Palácio de Mafra aproveitam colónias destes pequenos morcegos para eliminar insectos que causam danos nos livros

Eptesicus serotinus
Morcego-hortelão

POUCO PREOCUPANTE

62-80 mm



Pipistrellus pygmaeus
Morcego-pigmeu

POUCO PREOCUPANTE

35-45 mm

Pipistrellus kuhlii
Morcego-de-Kuhl

POUCO PREOCUPANTE

40-47 mm

Observa-se a caçar de noite junto aos candeeiros de iluminação pública

Almargem

Fundada em 1988, a Almargem é uma associação sem fins lucrativos, que depende do empenhamento dos seus membros e apoiantes, de forma a concretizar actividades tão diversas como educação ambiental, estudo e divulgação do património cultural enatural, caminhadas e ecoturismo, sensibilização para as alternativas ecológicas, identificação e combate dos atentados contra o ambiente e o uso equilibrado do território. A associação tem lutado pela preservação da enorme herança cultural e natural do Algarve que temos a obrigação de entregar intacta às próximas gerações.

Por um Algarve mais autêntico...

Associe-se. Colabore connosco!

Rua S. Domingos, nº65
8100-536 Loulé-Portugal
Tel.: 289412959.
Fax: 289414104.
E-mail: almargem@mail.telepac.pt.
www.almargem.org.



Almargem

*associação de defesa do património
cultural e ambiental do algarve*